

A REGENERACÃO

A VENCÇA

Ano XXII

Semnário regionalista

N.º 675

Composto e impresso na *Tipografia Figueiroense*
Figueiró dos VinhosDirector, Editor e Proprietário:
Doutor Manuel Simões BarreirosRedacção e Administração—Rua Major Neutel de Abreu
Figueiró dos Vinhos

A favor da Misericórdia

Um agricultor desta Vila fez a oferta de alguns poceiros de uvas à Santa Casa da Misericórdia para serem leiloados a seu favor, garantindo o preço mínimo de 50\$00 por poceiro e outros tantos, no próximo ano. Aquela oferta foi anunciada à missa e marcada a hora do leilão à porta da Igreja.

Pretendia aquele agricultor, segundo foi anunciado também, dar o seu auxílio à Misericórdia e fazer a demonstração prática do que, nos anos futuros, poderá ser a «Festa do Concelho, a favor da Santa Casa da Misericórdia». Embora a ideia houvesse surgido tardiamente, outros agricultores com ela simpaticizantes, ofereceram mais uvas e batatas.

A hora marcada, dirigiu-se ao local indicado um grupo de vistosas raparigas, com os seus berrantes trajes domingueiros trazendo à cabeça os poceiros com as ofertas, garridamente enfeitados com vides cheias de para que o outono matizou de variadas cores desde o amarelo vivo ao vermelho sanguíneo — aquele maravilhoso colorido outonal dos nossos vinhedos que é tentação e encanto de artistas.

O lindo rancho de vindimadeiras atraiu, desde logo, todas as atenções e pôs uma nota de beleza e alegria no Adro da nossa Igreja onde foi recebido pelo ex.^m Arcipreste da nossa freguesia, o qual, após uma breve mas eloquente alocação sobre o significado das ofertas, procedeu à cerimónia da sua bênção e, seguidamente, deu início ao leilão o qual, depois, por outros foi continuado e cujo produto foi entregue ao Provedor da Misericórdia.

A iniciativa foi acolhida com geral simpatia e a demonstração que o oferente pretendeu fazer coroada do melhor êxito.

Todos foram levados a fantasiar e a conceber a grandiosidade que atingirá, nos anos futuros a «Festa do Concelho a favor da Misericórdia» com ofertas vindas de todas as freguesias: festa cheia de alegria de cor, de encanto e de beleza, para a qual todos contribuirão com entusiasmo porque é a favor dos nossos pobres e por que é elevado e nobre o sentimento de caridade que a inspira.

A «Regeneração» associa-se, calorosamente, ao coro geral de aplausos que a iniciativa mereceu, com a certeza de que ela frutificará e virá a constituir,

como já se verifica em numerosos concelhos, uma apreciável fonte de receita para a Misericórdia. E bem precisa é.

Com raras excepções todas as Misericórdias lutam com falta de rendimentos próprios para poderem tornar mais eficiente a benemérita acção a favor dos pobres que protegem.

A nossa, tendo a seu cargo o hospital que, embora pequeno, tantos benefícios presta, já conseguiu, à custa de subscrições particulares, melhorar grandemente as suas instalações hospitalares.

Mobilou, recentemente, duas enfermarias e quartos particulares, adquiriu aparelhagem eléctrica para ondas curtas e raios infra vermelhos; acaba de instalar um aparelho para produzir gelo e tem, como primeiro objectivo, a instalação de um aparelho de raios X. Mas está em projecto a construção de um novo hospital e embora conte com o auxílio do Estado e com a valiosíssima oferta do ex.^m Presidente da nossa Câmara, precisa de muito mais. Basta lembrar que tem de ocorrer ao sustento dos seus doentes, de adquirir mobiliários, roupas, instrumentos cirúrgicos, etc. para que o hospital a construir possa realizar os seus fins.

Para tanto não basta o auxílio do Estado que pode ser grande mas que tem de ser distribuído por todas as Casas da Misericórdia do país.

E' indispensável o auxílio particular para que, dentro de cada concelho, as Misericórdias possam cumprir, com eficiência, a sua altruista missão. A «Festa do Concelho a favor da Misericórdia», deve constituir, no futuro, uma apreciável fonte de receita.

E' preciso acarinhar a iniciativa que aplaudimos.

Apelamos para os vossos sentimentos de caridade para com os pobres e esperamos que, no próximo ano, de todos os recantos do nosso concelho, acorrerão ofertas destinadas a socorrer a miséria. Contamos com elas.

Será uma linda e encantadora festa.

A Festa dos nossos pobres.

Vindimas

Terminaram as vindimas no concelho. A produção deve regular, no conjunto, por metade da do ano passado.

Marinha Mercante

O que tem sido o interesse do Governo da Revolução Nacional no engrandecimento e desenvolvimento da nossa frota mercante, está tão dito e redito que, desnecessário se torna acentuá-lo de maneira especial.

A Junta de Marinha Mercante a que até há pouco presidiu o sr. comandante Américo Uomás illustre ministro da Marinha, tem realizado uma obra de todo o ponto notável e digna do maior e mais completo agradecimento. Para pô-lo em justo relevo, basta referir que desde 1936 a 1945 construíram-se mais de 46 novos navios mercantes, obra que ainda não deixou de ser continuada.

Mas, como se tudo isto fosse pouco, o Governo acaba de publicar um decreto criando um fundo para financiamento dos armadores da marinha mercante que o requisiram para renovar a frota mercante nacional.

Para se entender completamente o valor do diploma ora publicado, chega que se tenha em conta que o Fundo é autorizado a «contrair um empréstimo interno amortizável, no máximo de um milhão de contos, denominado Empréstimo de Renovação da Marinha Mercante. Esse empréstimo será emitido por séries de obrigações, em montante e condições a fixar pelos ministros das Finanças e da Marinha, sob proposta da comissão.»

Está aqui posta em evidência toda a importância do oportuno decreto lei.

A renovação da nossa Marinha Mercante faz-se em ritmo acelerado com o interesse natural e certo que, pode e deve merecer um problema que é para um país como Portugal, essencialmente marítimo com grande parte das suas economias dependentes do seu Império Ultramarino, não pode deixar de ser tido e havido em devida e certa conta.

Hoje, em matéria de marinha mercante, nós que tanto tempo vivemos em situação de inferioridade, começámos aquilo que desde há muito, desde sempre, digamos, antes devíamos ter sido: um País com a noção certa das suas responsabilidades e também das suas possibilidades.

A nossa missão de País marítimo pode, enfim, começar a ser cumprida inteiramente. As nossas relações com o Ultramar, tão necessárias ao desenvolvimento da nossa economia, podem, evidentemente, entrar num novo e mais completo, como amplo caminho de progresso, graças à existência de uma marinha mercante apta a cumprir inteiramente a sua função. E tudo isto é possível, graças à acção sempre benemérita do Estado Novo.

O Tricentenário DA PADROEIRA

Com magestoso e inextinguível brilho, decorreram as comemorações do tricentenário da Padroeira, realizadas nas vetustas e históricas cidades de Évora e Vila Viçosa.

Há trezentos anos, precisamente em 1646, renniam-se em Lisboa as Cortes Gerais da Nação que afanosamente, mais do que a força material, procuravam as energias espirituais que tornassem duradouro o gesto arrojado dos heróicos paladinos que em 1 de Dezembro de 1640, ergueram a bandeira de independência nacional. Na Virgem, as Cortes e o Rei depositaram toda a sua confiança, proclamaram-na Padroeira da Nação Portuguesa e declararam-se defensores da sua Imaculada Conceição.

Hoje, nesta hora de aprofundamento espiritual colectivo que traz a Humanidade embriagada de heresias políticas e religiosas, Portugal quer mostrar que ainda é o pregão das glórias da Civilização Cristã. Só o

Dr. Manuel S. Barreiros

A fim de tratar de assuntos respeitantes ao nosso concelho seguiu para Lisboa na passada quarta-feira o ex.^m sr. dr. Manuel Simões Barreiros, devendo regressar hoje.

A União Nacional e o espírito de partido

«A União Nacional é incompatível com o espírito de partido e de facção política», — assim se diz nos estatutos desta organização. Se ela se franqueia a todos os portugueses que, acima de tudo, ponham com o Estado Novo o bem da Nação, — implicitamente repudia «todo o espírito de partido e de facção política» que se formasse em seu seio. Tal repúdio é consequência lógica da sua natureza de organização «sem carácter de partido», e dos seus altos fins, que se indentificam com a ordem nacional do Estado Novo. Por outras palavras, como se diz também nos estatutos: — porque a União Nacional julga tal espírito «contrário ao princípio da unidade moral da Nação, e à natureza, ordem e fins do Estado». Reforça isto a consideração de sempre: — a União Nacional é união de portugueses, não sua divisão; e união no altar da Pátria, com o acatamento e defesa do Estado que a redimiu, e a reintegrou nos seus destinos históricos.

espiritualismo cristão é a garantia da vitória na luta contra o materialismo, onde se afogam valores intelectuais e morais que são o testemunho e a conquista de vinte séculos de Cristianismo. Este espiritualismo cristão, apanágio da alma católica portuguesa, esteve presente nas comemorações de Évora e na peregrinação nacional a Vila Viçosa, onde, mais uma vez, colectivamente, foi exigida para Portugal a Realeza e o Padroado da Virgem.

Mais uma vez se reuniram as Cortes Gerais a representar o Portugal autêntico, o Portugal que crê e ora, como cria e orava a raça forte que fez a Restauração. E o pensamento dos portugueses de 1946 foi ainda o mesmo dos portugueses de 1646:

— Pedir à Virgem que protegesse a Nação Portuguesa, descobridora de mundos, civilizadora de povos, arauto da Fé e missionária de Cristo.

Portugal sente assim a necessidade de proclamar perante o Mundo, nesta hora em que a sociedade se sente abalada nos seus fundamentos, o valor do Espírito e a eficácia dos valores espirituais criados.

Hotel de Turismo

Por causa da construção do edifício do Hotel de Turismo e da respectiva urbanização estiveram nesta vila na corrente semana os srs. arquitetos Bernardino Coelho e Costa e Silva, o primeiro encarregado do Hotel e o segundo da urbanização geral da vila.

Estrada de Arega

Já se encontra na Arega um sr. engenheiro a fim de fazer o estudo da continuação da Estrada Municipal que ha-de ligar aquela freguesia com a Estrada Nacional n.º 54 de Figueiró ao Barqueiro, que deve ser um pouco acima da ponte de Arega.

Este sr. engenheiro depois de fazer o referido estudo vai fazer o de Alge ao Singral.

Club Figueiroense

Anda em obras de reparação o Club Figueiroense.

Política de abastecimentos

por Marinho da Silva

Casa onde não há pão... Conhecem o resto do aforismo; mas as circunstâncias e a paz pública exigem que, mesmo com a escassez de pão, acabem os ralhos e, iluminados por serena luz da crítica objectiva, vejamos onde está a razão. Porque há, no país, quem a tenha e a saiba expor, sem circunlóquios nem reservas, abordando o magno e complexo problem de frente, não o ladeando com subterfúgios.

A última nota officiosa do sr. Ministro da Economia, tão circunstanciada quanto possível, tão clara nos pormenores e tão precisa na ilucidação dos meios para debelar, dentro das nossas fronteiras, os efeitos da crise universal dos abastecimentos, merece ser, aqui e além, comentada. Explicada, não: porque nela não há sombras, afora as que derivam das circunstâncias internacionais e de males de ordem moral que a nota officiosa põe em relevo nestes períodos concretos:

«Improvizou-se uma técnica e montou-se uma máquina que tem dado resultados apreciáveis, mas — há que reconhecê-lo — nem sempre tem funcionado por forma satisfatória. Erros dos homens nuns casos, falta de preparação noutros, actos de indisciplina perante as determinações dos órgãos responsáveis, insignificância e mesmo inexistência de reservas para maneio, tais as causas a que devem atribuir-se certas irregularidades verificadas na distribuição. A par disso, muita dedicação e boa vontade de dirigentes e funcionários e um trabalho constante para que melhore o rendimento do sistema».

«Evidentemente não nos devemos conformar com o que esteja mal; há que tornar mais pronta a máquina e melhorar com rapidez e seu rendimento, pondo de parte considerações comodistas que levariam a não introduzir progressos numa orgânica que não se quer nem se deseja perdure por muito tempo.»

As fugas que se notam na distribuição — umas, na essência, criminosas, a serem combatidos constantemente pela fiscalização; outras, de outra ordem, portanto exigindo do Governo e dos organismos competentes medidas imediatas —, essas fugas não destroem o muito que há sido feito e de bastante proveitoso na política de abastecimentos, logo que a crise mundial exigiu medidas restritivas.

Ninguém deve (repete-se) auxiliar ou proteger as fugas delituosas na mecânica da distribuição a fim de não amontoarem culpas sobre entidades que, afinal, são as vítimas dos dolos alheios.

O que mais dificulta, no nosso País, a boa marcha da política de abastecimentos são factores externos a entravarem as importações.

A par desses, há os dos transportes que, pela aquisição de navios dentro do plano aprovado pelo Sr. Ministro da Marinha, vão sendo diminuídos à medida que as unidades da frota mercante chegam ao Tejo para começarem a sua faina. Acrescenta-se a isto a autêntica fome que há na Europa e na Ásia — desgraça que, felizmente, não conhecemos —, exigindo, para todos, restrições nas compras, concomitantemente delongas por mor do processo do International Emergency Food Council —, exposto,

sucintamente, na nota officiosa —, e os maus anos agrícolas.

E' fácil fantasiar, architectar espectaculosos planos para a política de abastecimentos; mas na prática as coisas são muito diferentes.

Portugal, a respeito de possuir em A'frica centros de produção em aumento, é um país deficitário em certos productos: — como seja, no capítulo de cereais panificáveis. Em todo o caso, mercê da política cerealífera encetada muito antes da guerra, e mercê também dos esforços da lavoura: — a cultura do trigo, que era, em 1937, de 493.314 hectares, passou, em 1945, para 616.140 hectares. A do milho, nos mesmos anos, ascendeu de 367.161 hectares para 498.124; a do centeio — em igual período — de 141.318 hectares para 232.284; e a da batata de 30.414 hectares para 67.747.

Nunca se atingiram estes números. E se por vezes, a produção

(Continua na 3.ª página)

Dever que se impõe

Enaltecida a obra realzada por Salazar, pelas mais eminentes personalidades europeias e americanas em perfeito e flagrante contraste com a opinião que o estrangeiro de nós fazia antes de 1926, um dever se impõe a todos os portugueses: e de manter o mesmo espírito de unidade que permita a continuidade de acção construtiva porque só esta provocou uma larga e desassombrosa corrente de simpatia e de admiração de formal e idónea expressão, em favor do nosso País, do nosso Governo.

Já não ouvimos, felizmente, hoje como em 1922 afirmar como o fez depreciativamente o jornal «Libre Belgique», de Bruxelas: «Reagir enquanto é tempo — senão a Belgica será *portugalizada* em menos de dois anos».

O Santo Padre Pio XII, na expressão consciente da sua elevada autoridade, disse ao Mundo: «O Senhor deu à Nação portuguesa um Chefe de Governo que tem sabido conquistar não só o amor do seu povo, especialmente das classes mais pobres, mas também o respeito e a estima do Mundo».

François Duhourcan afirma: «E' com homens e Chefes como Salazar, em todos os domínios, que o Mundo moderno será salvo.»

O antigo Primeiro Ministro do Governo belga, Achilles Van Acker, confessa-se encantado com o nosso Presidente do Conselho e especialmente impressionado com o seu profundo conhecimento das necessidades do País. O Cardeal Griffin declara que Portugal é um dos melhores exemplos de país católico e que esta opinião é a da hierarquia, dos católicos e do impresso católico inglês que é a voz do povo.

Perante estas opiniões autorizadas e tantas outras de igual significado, nós recolhemos o penhor da nossa conduta política e social durante estes últimos 20 anos de unidade de acção governativa.

Recebemos provas inequívocas de apreço e de consideração como a que ultimamente nos foi dada pelo

Pagamento de assinaturas

Foram pagas na nossa redacção as assinaturas do nosso jornal referentes aos nossos amigos e assinantes:

Augusto Simões Abreu, Figueiró

José Simões, Campelo.

Padre Manuel Mendes Gaspar, Chão de Couce

Adelino do Carmo Rodrigues, São Paulo—Brasil

Adelino Joaquim Coelho, Colmeal

Sebastião Baptista, Chãos Cima

Alvaro de Jesus Baptista, Lourenço Marques

A todos os nossos agradecimentos.

Domingos Duarte

Médico Municipal
Sub-Delegado de Saúde

Figueiró dos Vinhos

Dos nossos Estudantes

«A negra e meiga capa dos estudantes é o sagrado símbolo do Amor»

A abrir

Começaram as aulas! Cá estamos presentes para levar ao calvário esta pesada cruz, cruz que tanto sacrificio nos traz, cruz que alguns momentos nos dá de alegria, cruz que nos leva os nossos risinhos anos da mocidade, cruz que é a ja nossa VIDA!

VIDA! Despertemos, trabalhe-mos, lutemos por ela e assim a nossa vida académica será um sonho.

C.

— * —

Uma mobilização!

Nos Gerais da Universidade: — Caloiro! Fica mobilizado para às três horas aparecer na República X.

O tempo passou e as malfadadas três horas chegaram e chegou o caloiro á porta da dita.

— Bata á porta. O caloiro anjinho bate com a mão.

— O' seu burro, bata com as suas armas de defesa.

O caloiro marra e pede licença aos doutores para entrar, que o avisam do máximo cuidado para não riscar as paredes.

Uma vez lá em cima o caloiro veste o pijama, põe uma vassoura ao ombro e vai de sentinela para a porta com ordens de proibir o estacionamento de peões, sem baraca, em frente da República e de gritar às armas quando passa uma japonesa.

Substituído por um colega mandam-no perguntar o Bernardo. Sem saber que a pousada do bernardo era dentro da mesinha de cabeceira, o reles caloiro vem para a rua incomodar os transeuntes.

— Caloiro! Lave a cara ao Bernardo. Depois de lavado manda atirar a água para cima de um policia. Como na altura não estivesse nenhum na rua, vá de gritar «ó da guarda», e toda a vizinhança appareceu sobressaltada excepto o desejado policia. A magna assistência de pressa se tranquilizou porque o caloiro continuou: «ó da guarda que tenho séde».

O caloiro, a armar, puxa das seculares lunetas tendo como consequência assentar as dianteiras no chão e dar três coices.

Em seguida vai medir com um

dedal uma banheira cheia de água.

Depois, para terminar, mandam-no buscar cinco litros de vinho num garrafão sem fundo e com dois tostões. E assim terminou mais uma cowboyada que tanto anima a velha Lusa atenas.

Por lá é assim

× Todos os meninos estão bem, com muitas saudades das famílias e avisam-nas que breve vem... vem o fim do mês e precisam de... de massa para o pitrol e aceites.

× Queixou-se á policia um desconhecido de que foi assaltado em plena Praça da República e ficou sem um Kascal (não sabemos como se escreve). Tornado o caso publico o Carlitos está gago de todo.

× Os primos-parentes caloiros têm-se visto e desejado com as mobilizações...

× As caloiras estão boas. Uma já aprendeu a fazer pirolas e a outra já sabe a fórmula da tinta de escrever.

× O nosso Doutor, homem bondoso, embora cumprindo a praxe, vai respeitando a amizade dos primos-parentes.

× Sacrificio!, é o título do primeiro livro que o primo-parente vai editar acerca da vida do caloiro.

× Na Rua Antero de Quental começou-se a fazer café á electricidade, para evitar o mau cheiro a caloiro.

× Desapareceu um capote da Rua Antero de Quental, que costuma a aparecer na baixa numa fórmula que não é a própria.

× Uma Semi... exige mais conhecimentos para ir aos futuros bailes.

× Há um menino que espera ansiosamente a visita da familia mas como o carro não tem pneus...

Para fechar dizemos que se a fidelidade se perdesse devia achar-se no coração de um rei. Portanto vamos a decompô-lo, como se precede em «Química».

No próximo número apparecerão grandes surpresas, grandes relatos, como por exemplo: «uma latada»; mais uma mobilização e um artigo palpitante de um académico.

Senhoras e senhores por hoje terminou a nossa emissão, até para Abril. Estás gago de todo.

Notas bibliográficas

A *Amante Provinciana*, por Salvador Gotta. Editorial Gleba. Ld.ª—Rua da Madalena, 211-3.ª—Lisboa.

O décimo sexto volume da colecção *Romances Célebres* traz até nós mais um discutido autor italiano, traduzido para a nossa língua por Luis Lemos Mendes de Oliveira.

Classificamos o autor de «discutido» em virtude de, especialmente no seu país, ter sido objecto de contravérsias, não exactamente o seu valor literário, mas sim a essência das suas obras.

O primeiro ninguém lho nega, nem mesmo os seus adversários; quanto á essência, essa nem sempre consegue unanimidade de pareceres. De-facto, enfileirando Salvador Gotta a par dos escritores realistas da época, tendo sido um protagonista essencialmente activo na peça da vida, desde os mais cruciantes

desesperos, aos mais sublimes prazeres, não admira que tenha imprimido aos seus escritos muitas das facetas que, se desagradam a uns, agradam plenamente a outros.

A *Amante Provinciana* é o testemunho mais que evidente das nossas afirmações e, se de mais nada conhecêssemos o Autor, seria suficiente este livro, para dele ajuizarmos com bastante propriedade.

E, Assim, é incontestável que estamos em presença dum bellissimo romance, escrito com primor e delicadeza de espirito, mas que pode colidir com escrúpulos ou sentimentos de purismo, em virtude do seu realismo, que não é, de forma alguma, pornografia. A tradução cuidada valoriza também, está visto, o livro.

Marcus

Nesta secção se fará a critica de todas as obras de que nos sejam remetidos dois exemplares.

Este jornal foi visado pela Comissão de Censura

Casamentos

Na Igreja Matriz da nossa vila realizou-se, no passado dia 26 de Outubro o casamento da sr.^a D. Maria Adélia Cândida de Sousa Rocha filha do sr. João Godinho Rocha e da sr.^a D. Maria Isabel Cândida de Sousa Rocha com o sr. Bernardino Cacicano, Guarda da P. S. P. natural de Alvaiázere filho do sr. Abílio Cacicano e da sr.^a D. Rosa de Jesus.

Foi celebrante o reverendo arcebispo António Inglês tendo testemunhado o acto os srs. António dos Santos Leal, professor, de Monforte da Beira e Bernardino da Silva Alvôra, proprietário, de Alvaiázere.

Terminado o acto, foi servido em casa dos pais da noiva um abundante copo de água a que assistiram além dos padrinhos, os pais e irmãos do noivo, e muitos convidados entre os quais o ex.^{mo} sr. dr. Manuel Simões Barreiros e sua ex.^{ma} esposa, Antero Simões Barreiros e filhos, Alberto Godinho de Matos e ex.^{ma} esposa, Augusto Lopes da Rocha, os srs. padres António Inglês e Domingos Rosa, e Eduardo António de Carvalho, esposa e filha, de Alvaiázere.

— Realizou-se no dia 27 do mês passado em Fátima o casamento da sr.^a D. Maria Emília Agria Diniz de Carvalho, filha amantíssima do sr. João Diniz de Carvalho e de sua ex.^{ma} esposa sr.^a D. Assunção Agria Diniz de Carvalho com o sr. dr. Américo Moreira Caetano Nunes, filho do sr. dr. Eduardo Caetano Nunes e de sua ex.^{ma} esposa sr.^a D. Beatriz Moreira Caetano Nunes.

A sr.^a D. Maria Emília Agria Diniz de Carvalho teve por padrinhos os pais do noivo, sendo deste padrinhos os pais da noiva.

Finda a cerimónia, que decorreu com toda a solenidade, foi servido num restaurante local, óptimo almoço, após o qual, os noivos seguiram em viagem de núpcias.

— Realizou-se no passado dia 28 de Outubro, na igreja de Nossa Senhora de Fátima, o casamento da sr.^a D. Maria Generosa Pereira Simões com o sr. dr. José Leite Perry, tendo sido padrinhos, por parte da noiva, sua mãe, sr.^a D. Generosa Maria Pereira Simões e seu irmão, sr. Sebastião Henriques Pereira Simões, e por parte do noivo sua irmã, sr.^a D. Maria Regina Leite Perry e Silva e o sr. D. Miguel de Alarcão, Celebrou missa o reverendo dr. Luís Lopes de Melo, da Sé Velha, de Coimbra.

A noiva era filha do falecido Sebastião Henriques Simões nosso amigo e conterrâneo.

Aos noivos desejamos uma prolongada viagem de núpcias e um futuro próspero.

Empregado

Oferece-se estando ainda empregado. Nesta redacção se diz.

Empréstimos sobre capitais

(Agência) em Figueiró dos Vinhos

Caixa Geral de Depósitos Crédito e Previdência

Contratos em conta-corrente a juro de 2.^o ao semestre

ou

Contratos a longo prazo, com liquidação a prestações

Escrituras nesta vila

Pedir informações sobre empréstimos com caução de títulos

PEDROSO & HENRIQUES, LIMITADA

Para os devidos efeitos se publica que, por escritura de 15 de Setembro de 1945, lavrada a fls. 45 v. do respectivo livro n.º 156 das notas do notário da Comarca de Figueiró dos Vinhos, com sede em Pedrógão Grande, dr. Montarroio Farinha, foi constituída entre Vicente Marques Pedroso e Aires Henriques, uma sociedade por quotas de responsabilidade limitada, que será regida nos termos e sob as cláusulas constantes dos artigos seguintes.

1.º — Esta sociedade adopta a firma «Pedroso & Henriques, Limitada», fica com a sua sede e estabelecimento na vila e concelho de Pedrógão Grande, podendo, de futuro estabelecer as sucursais ou filiais que julgar convenientes e tanto na localidade sede como em qualquer outra localidade do país.

2.º — o seu objecto é a compra e venda de adubos, vinhos e seus derivados, mercearias, cereais, sal e produtos resinosos, bem como qualquer outro ramo de actividade comercial ou industrial deliberado por acordo dos sócios, dentro dos limites da Lei.

3.º — A sua duração é por tempo indeterminado, contando-se o seu começo desde hoje.

4.º — O capital social é de 40.000\$00, correspondendo à soma das cotas de 20.000\$00 de cada um dos sócios, e acha-se integralmente realizado em dinheiro, já entrado em caixa social.

Parágrafo único — Todo o capital social é português, e setenta e cinco por cento do mesmo capital são e serão sempre de nacionalidade portuguesa.

5.º — Não haverá prestações suplementares de capital, mas os socios poderão fazer à caixa social os suprimentos de que ela carecer, nas condições que forem estabelecidas e fixadas em assembleia geral.

6.º — A cessão total ou parcial das cotas, é livre entre os associados: porém, a cessão a favor de estranhos, depende do consentimento da sociedade, e esta e os sócios, terão, respectivamente, o direito de preferência, direito esse que será exercido e comunicado ao cedente dentro de quinze dias a contar da data em que tiver sido dado conhecimento da cessão, do seu preço e do nome do cessionário.

7.º — A sociedade será representada em juízo e fora dele, activa e passivamente, pelos seus gerentes, pertencendo desde já e devendo sempre pertencer a individualidades portuguesas a maioria dos corpos gerentes desta sociedade.

8.º — São desde já nomeados gerentes os sócios Vicente Marques Pedroso e Aires Henriques, sem direito a retribuição alguma pelo exercício de cargo, bastan-

do, para obrigar a sociedade, que qualquer dos gerentes assine a firma social, mas sendo lhes vedado o uso da referida firma em actos ou documentos estranhos ao fim social, designadamente em letras de favor, abonações ou fianças.

9.º — Por morte ou interdição de qualquer dos sócios não se dissolverá a sociedade, e os herdeiros ou representantes do sócio falecido ou interdito nomearão de entre eles um que os represente perante a sociedade.

10.º — Os balanços serão anuais, fechados em 31 de Dezembro, e os lucros líquidos apurados, depois de separados cinco por cento para o fundo de reserva legal, serão divididos pelos sócios, na proporção das cotas e em igual proporção deverão ser suportados os prejuizos, se os houver.

11.º — As assembleias gerais, sempre que a lei não exija outras formalidades, serão convocadas por por meio de cartas registadas, dirigidas aos sócios com a antecedência mínima de oito dias, ou por uma convocatória circular com o nome de todos os sócios, apondo, cada um, à frente do seu nome a respectiva rubrica.

12.º — A sociedade dissolve-se apenas nos casos e termos legais, e, em todo o omissão regularão as disposições legais aplicáveis, e designadamente as disposições da Lei de 11 de Abril de 1901. Pedrógão Grande, 18 de Julho de 1946.

O Ajudante do notário
Dr. Montarroio Farinha
Amadio Duarte Canelas

Política de abastecimentos

(Conclusão da 2.^a página)

não está de acordo com a cultura, esse facto deriva de condições climáticas que deitam por terra as esperanças e os esforços do lavrador.

A política de abastecimentos, devido às medidas tomadas, às negociações com o organismo mundial citado — porque «Estes problemas são hoje questão de Estado e só os Governos são admitidos a tratá-los» sendo «ilusão supor que a renúncia à intervenção governamental neste domínio traria qualquer alívio ou melhoria à situação alimentar» —, tal política (diziamos) não tem dado efeitos desastrosos — compare-se com o que succedeu na outra guerra e na outra paz! —, antes, pelo contrário, porquanto o Governo prevê o aumento de capitações do racionamento para o trigo, o milho, a batata, o feijão, o açúcar, o bacalhau, as gorduras animais e o sal, podendo calcular-se que haverá melhoria noutros géneros (arroz, peixe, carne, azeite e óleos comestíveis) dependente esta produção colonial, das condições climáticas, da qualidade do carvão para a pesca e transportes, da facilidade destes e das importações da Argentina e Espanha, cujas negociações estão em curso.

Sabemos, pois, esperar confiadamente, porque não é com ralhos que se resolve o magno problema. Tudo depende do trabalho e do espírito de sacrifício geral, a par da mais franca cooperação com as autoridades de modo a que não haja fugas delituosas e acções torpemente criminosas.

Revista «TURISMO», Imprensa

Está publicado mais um magnífico número desta interessante revista

Acaba de aparecer mais um número da Revista «Turismo» que prossegue na sua patriótica propaganda turística, sob a direcção do sr. António Pardal, tendo como chefe de redacção o jornalista Julião Quintinha.

O número que acaba de aparecer, com 70 páginas, é dedicado a várias regiões do país e apresenta o melhor aspecto gráfico e colaboração escolhida de ilustres escritores, poetas e jornalistas. Insere valiosa documentação fotográfica do Estoril, Espinho e de outras estâncias portuguesas, e páginas especiais dedicadas à Suíça, a Madrid, ao Algarve, e uma entrevista com o Director da «Ibéria», Companhia de Linhas Aéreas.

Entre a colaboração literária destacam-se artigos de Cândido Marrecas, Julião Quintinha, Maria Dimbla, Manuel Vasques, D. Boavida Portugal, Consigliari Sá Pereira, Vasco Calixto, Eduardo Pessoa Domingos, Fernando Reis, e versos inéditos de Maria Guiomar Ávila, dr. Alexandre de Cordova, e dr. António Pereira. Excelente colaboração fotográfica dos artistas: Alvão, do capitão Francisco Padinha e de Rosa Casaco.

E' um número do maior interesse turístico, como todos desta antiga publicação.

Baptizado

No passado dia 5 de Outubro, realizou-se na Igreja Matriz desta vila o baptizado do menino Nuno Pais Silveira, filho do sr. Albino Martins Silveiro e de sua esposa Maria da Graça Pais, residente no Portelão.

Foram padrinhos o sr. Nuno Gomes Lacerda Teixeira aluno do Colégio Militar e sua irmã a menina Fernanda Gomes Lacerda Teixeira, aluna da Escola de Farmácia de Coimbra.

Vende-se

METADE de todas as propriedades em Vilas de Pedro da Casa Plácidos. Para mais informações — António Plácido David — Sarzedas de São Pedro.

O Mensageiro

Completo mais um ano de vida este nosso colega que se vem publicando em Leiria há 33 anos, sob a proficiente direcção do nosso presado amigo sr. Padre José Ferreira de Lacerda.

Cumprimentamos o sr. Padre Ferreira de Lacerda, desejando ao «Mensageiro», longa vida.

Vida Ribatejana

Associando-se à Feira de Vila Franca de Xira o nosso estimado colega «Vida Ribatejana» publicou um número de 18 páginas, de boa e sã propaganda regionalista, como é seu costume.

Região de Leiria

Com a publicação do seu n.º 507 entrou no 12.º ano da sua publicação este nosso colega, defensor dos interesses de Leiria e sua região.

Felicitemos os seus dirigentes e desejamos ao «Região de Leiria» longos anos de vida.

Revista de Turismo

Mais um número da Revista de «Turismo» que prossegue na sua patriótica propaganda turística, sob a direcção do sr. António Pardal, tendo como chefe de redacção o jornalista Julião Quintinha.

Este número com 70 páginas, é dedicado a várias regiões do país e apresenta o melhor aspecto gráfico e colaboração escolhida de ilustres escritores poetas e jornalistas.

E' mais um número do maior interesse turístico como todos os desta antiga publicação.

Recebemos e permutamos os seguintes jornais:

Vida Regional, Castanheirense, Diário Popular, Ecos do Sul, Comarca da Sertã, Ecos da Serra, Vida Ribatejana, Comércio de Chaves, Jornal de Arganil, Correio do Sul, Correio do Vouga, Notícias de Penacova, Região de Leiria, O Mensageiro, Povo da Louzã, Jornal de Abrantes, O Tripetiro, O Jornal do Pescador e Voz Portalegrense.

GELO

Vende qualquer quantidade a Misericórdia e Hospital de Figueiró dos Vinhos — Tel. 18

Caça!!!

O maior sortido docentro em artigos de caça

Espingardas Minerva e Ugartechea de importação directa

Cartuxos carregados em Balança de Electro-Precisão

Preços especiais para revenda em competição com Lisboa ou Porto

Casa Almeida

(Título registado)

12-7

Telefone 3423

Apartado 92

COIMBRA

DA QUEM TREVIM

Número 6

Página Regional de Castanheira de Pera

Ano I

Avença

Redigida por Luro & Lgas

Limpeza das ruas

As ruas da vila carecem de que haja quem por elas olhe com mais carinho porque o seu estado reflete aquilo que pode ir por outros sectores camarários. Não será de mais que os Funcionários municipais sejam os primeiros a zelar por assuntos desta natureza e dentro das suas atribuições promoverem o que for necessário para que tudo corra bem e que, perante pessoa estranha à terra, não tenhamos de nos envergonhar. É certo que existe um encarregado da limpeza das ruas, mas o que também é verdade é que ele faz todos os serviços menos esse. Isto era com o velho e é com o novo desde que superiormente não haja quem tome a capricho este assunto da higiene nas ruas da vila. Não há sal bastante para as tornar limpas... Se a Câmara precisa tanto de dinheiro, porque não manda aplicar multas a quem usa e abusa da via pública? Agora até já um recanto da Praça está transformado em armazem de materiais de construção, caixotaria etc. Onde estão os funcionários municipais encarregados de olhar por isto?! Quem os quiser ver, espreite-os no fim do mês na altura de receber os vencimentos...

PÃO

Numa ou noutra vez lá ficamos sem pão de primeira e vendido um pão de 2.ª que noutro tempo nem a 3.ª chegava a ser. Dizem que é por falta de farinha, que a Moagem a não entrega, que a camionete a não transporta, etc. Sejam quais forem as verdadeiras deficiências, convinha providenciar para que ao menos haja pouco e de qualidade regular. Já não diremos bom, bom, porque isso já se não sabe o que seja, senão por descuido...

Pinhais

Vai por aí um corte tremendo nos pinhais. A lenha sai dia a dia, hora a hora para tora do conselho vendida por bco preço. Dentro em pouco não haverá lenhas para as necessidades da região, tão industrial como é. Depois há que procurar outra maneira e conseguir combustíveis.

Ainda ao menos se houvesse electricidade por preços acessíveis...

O Brasil

fala a língua Portuguesa

Pedimos licença aos nossos prováveis leitores para nos afastarmos do habitual regionalismo desta página, afim de cedermos o passo a um assunto de grande projecção mundial, e que vem confirmar que o nosso país tem sabido conduzir-se de molde a criar as maiores simpatias quer por parte de nações estrangeiras, alheias aos nossos usos e costumes, quer por parte daquelas que, com tanta propriedade, são chamadas *nossas irmãs*.

A prova clarividente desta afirmação foi-nos dada há poucos dias pela grande nação brasileira, considerando o idioma falado no Brasil *Lingua Portuguesa*. Sabemos bem que este facto não é mais do que a aplicação dum principio de lógica e de justiça, mas porque uma e outra andam tão arredadas da maior parte dos actos praticados em todo o mundo, consideramos dever nosso colocar em alto plano este acontecimento que engrandece sobremaneira o nome português lá fora, e que entre nós pode ser classificado como o *caso mais nacional dos últimos dias*, a par de alguns outros em que Portugal foi alçapreado a lugares elevadíssimos por pessoas responsáveis pela orientação dos destinos de grandes e poderosas nações, mais por reconhecimento do nosso valor espiritual do que por gratidão.

Todos os que, como nós, sabem o que se tem passado nas últimas décadas na grande nação brasileira, em relação à nossa língua, não podem deixar de sentir-se orgulhosos por este insuflável êxito, devido única e simplesmente ao prestígio de que Portugal goza naquele país, prestígio esse que testemunha dum forma irrefutável a equilibrada condução da vida portuguesa pelo actual Governo.

Com frequência têm aparecido pelas terras de

Santa Cruz os falsos profetas que apregoam a vinda dum língua peculiar da imensa nação irmã, afirmando irreverentemente que a língua portuguesa está em plano inferior na vida daquele país, e mesmo que o idioma ali falado *já não é português*. (!)

Esta forma de pensar, errônea sob todos os seus aspectos, foi uma das consequências dessa trágica época de desordens e de injustiças que colocaram Portugal numa desastrosa posição junto do estrangeiro.

O actual documento, reconduzindo a nossa língua, tantas vezes secular, ao lugar que de facto e de direito lhe era devido, prova-nos categoricamente que o bom senso e a justiça orientam a acção dos mais eminentes Homens do Brasil, e que acima de tudo, sem de forma alguma diminuírem a personalidade da nação que lhes serviu de berço, prezam a verdade dos factos.

O Governo Brasileiro encarregando uma comissão de estudar profunda e honestamente esta magna questão, mostrou-nos a sua boa fé e o louvável desejo de comungar com o nosso, daquela aproximação que factores históricos de toda a ordem justificam e impõem.

Essa comissão, decidindo como decidiu, depois dum bem ordenado labor, demonstrado na sua preciosa exposição, tornou-se credora dos mais rasgados elogios que nenhum português de lei lhe nega.

E assim, a Língua Portuguesa continuará a ser em terras longínquas, o arauto da civilização lusitana, o padrão imorredouro dum Portugal eterno, que sabe erguer-se incóloma do caos em que, por vezes, tem sido levianamente lançado.

SERVIÇOS dos Correios

A camionete do correio continua a chegar aqui tardiamente. Quando acabará este sistema?! Não haveria possibilidade de conseguir uma condução de malas que fosse mais favorável para esta vila? Porque se não pensa no transporte para Coimbra e de Coimbra? Seria uma melhoria para esta terra, pois se criaria uma nova carreira que chegasse aqui cerca das 9 horas e saísse para Coimbra por volta das 5 da tarde. Com esta modalidade, tudo aconselha a que se tente uma melhoria de serviços e de interesses para esta terra.

Residência Paroquial

Parece que o sr. Rector, sr. Padre Nasdimento, anda muito empenhado em levar a cabo a construção dum edificio para residência paroquial, se para isso conseguir os respectivos fundos e garantindo dessa maneira a residência do seu futuro sucessor. Oxalá que tal se consiga.

Parque

da Casa da Criança

O jardim que circunda as instalações da Casa da Criança Rainha D. Leonor, logradouro público, está cada vez mais digno de ser visitado e apreciado. Não é demasiado afirmar que o jardineiro que dele cuida, é um artista. Todas as pessoas que o visitam, tal sabem reconhecer.

Caminho público

Chamamos a atenção de quem de direito para o facto de se ter colocado uma cancela e construído depois uma parede no caminho que conduz ao lugar da Sapateira, por trás do Carvalhal da Estrada Nova. Parece-nos que aquele caminho é público e que não pode ser interrompido seja por quem for e sob que pretexto for. Se não é público, pelo menos já se passa por lá há alguns lustros...

Escola do Bolo

Temos conhecimento de que alguns particulares ofereceram a esta Escola três carteiras, para complemento do seu material escolar.

Não podemos deixar de louvar este acto que vem demonstrar sobejamente o amor que os habitantes do núcleo escolar de Bolo tem à sua Escola.

CHALET

Alvaro Tomaz

Rasgada a nova Avenida, quem venha de Figueiró para esta vila, já antes da Escola, começa a desviar ao fundo um chalezito em estilo duvidoso que em lugar de embelezar o local, o desfeia sobremaneira. Não seria possível dar àquilo qualquer arranjo que o tornasse decente e bom para a vista?

JARDIM NA ESCOLA

Em tempo falou-se e nisso andava muito empenhado o professor, em mandar ajardinar a frente da Escola Viscondessa de Nova Granada. Mas a verdade é que o tempo foi passando e a respeito de jardim, lá está o da Casa da Criança e bonda. Mas não seria de todo mau que se realizasse esta ideia, pois melhoraria bastante o mau aspecto que as nossas Escolas apresentam, quase com sintomas de uma grande dose de desleixo... E se tivermos de entrar nos dirigirmos para as Escolas femininas, mais coisas haveria a relatar.

Avenida

Adrião Reis

Não obstante o mau tempo, têm continuado as obras nesta nova artéria, que se encontra quase concluída. Presentemente procede-se ao calcetamento dos passeios que, sem dúvida, revelam bom gosto.

Em nosso entender, os terrenos marginais da Avenida estão exigindo a construção de boas casas que venham dar ao local um aspecto mais decente e airoso da que o actual. Seria o primeiro passo para a resolução do problema fundamental desta Vila: a falta de casas assunto a que tantas vezes já nos referimos, quer neste quer noutros jornais. Além disso, gostaríamos de ver o progresso da nossa terra, tal como o vamos vendo nas terras vizinhas, nomeadamente Figueiró dos Vinhos e Lousã.

Hotel Moderno

De posse dos elementos indispensáveis, o Arquitecto Castro Freire, do S. N. I., está a elaborar o respectivo projecto de construção.

Novo Funcionário

A hora a que esta página chega a Castanheira de Pera já deve ter tomado posse do seu cargo de Chefe da Secretaria da Câmara Municipal desta vila o ex.º sr. Flávio Ferreira Henriques.

Há alguns dias que este funcionário se encontra entre nós, mostrando ser pessoa digna da maior estima, dotada de bons predicados.

Desejamos-lhe, no desempenho do seu novo cargo, as maiores felicidades.

O tempo atmosférico

Ultimamente tem sido esta região assolada por bastante chuva e vento. Se por um lado este estado trouxe benefícios para as culturas da época, por outro tem prejudicado o trabalho das colheitas, que se encontram atrasadas. Os castanheiros e as oliveiras têm-se prejudicado enormemente, devido à queda precoce da azeitona e da castanha.